

Alfabetar: Fundamentos e concepções atuais



- ✓ **Desvendando conceitos: a magia do alfabetar**
- ✓ **Mitos e verdades: desconstruindo ideias sobre alfabetização**
- ✓ **O alfabetamento na BNCC e muito mais!**

“

Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.

Magda Soares

”



Bem-vindos, professoras e professores!



Olá! Que alegria ter você conosco nesta jornada pelo universo da alfabetização e do letramento! Sabemos que a tarefa de ensinar a ler e escrever é uma das mais desafiadoras e, ao mesmo tempo, gratificantes da nossa profissão.

Neste curso, que carinhosamente chamamos de **Alfaetar com Jogos** vamos juntos explorar caminhos, refletir sobre nossas práticas, conhecer fundamentos teóricos essenciais e descobrir estratégias que podem fazer a diferença no dia a dia da sala de aula, seja na Educação Infantil ou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nosso propósito aqui não é oferecer receitas prontas, mas sim construir um repertório sólido,

diversificado e significativo para que você se sinta mais seguro e inspirado ao formar leitores e escritores competentes e críticos.

Para a construção desse repertório, também apontaremos propostas que podem ser realizadas com os jogos educativos do Instituto Brasil Solidário, já utilizados com sucesso por vários educadores das redes parceiras em atividades de alfaetramento por todo o Brasil.

Este primeiro fascículo é o nosso ponto de partida. Vamos mergulhar nos conceitos que fundamentam nossa conversa: Alfabetização, Letramento e o importantíssimo conceito de Alfaetar. Preparados para começar?

Desvendando conceitos: a magia do alfaetar

Você já parou para pensar sobre o que realmente significa “alfabetizar”? E “letrar”? Essas palavras estão tão presentes em nosso vocabulário pedagógico, mas nem sempre paramos para refletir sobre suas nuances e, principalmente, sobre como elas se conectam.

Historicamente, o termo alfabetização esteve muito ligado à ideia de ensinar o código, a decifrar as letras e seus sons, a juntar sílabas para formar palavras. Era um processo visto, muitas vezes, de forma mais mecânica: aprender que o B com A faz BA. Claro, dominar o sistema de escrita alfabético (o nosso SEA, como vamos chamá-lo ao longo do curso, seguindo o professor Artur Gomes de Moraes) é fundamental.

Ninguém lê ou escreve sem conhecer as letras, seus sons e como elas se combinam. No entanto, com o avanço dos estudos, especialmente a partir das contribuições de pesquisadoras como a nossa grande referência Magda Soares, percebemos que apenas decodificar não era suficiente. De que adianta saber ler as palavras de uma receita se não conseguimos seguir as instruções para fazer o bolo? Ou ler as manchetes do jornal, mas não compreender a notícia e seus desdobramentos?

Aí entra o conceito de letramento. Letrar não é apenas saber ler e escrever, mas sim ser capaz de usar a leitura e a escrita nas diversas situações sociais em que elas se fazem necessárias.



É participar efetivamente das práticas sociais que envolvem a língua escrita: ler um livro por prazer, escrever um bilhete para um familiar, preencher um formulário, interpretar um gráfico, participar de um grupo de mensagens e tantas outras situações. O letramento, portanto, está ligado ao uso, à função e ao sentido da leitura e da escrita em nossas vidas.

Por muito tempo, discutiu-se se deveríamos primeiro alfabetizar para depois letrar, ou o contrário. Magda Soares, com sua imensa experiência prática, nos mostrou que essa separação não faz sentido. Ela nos presenteou com o conceito de **Alfaletrar**.

Vamos conhecer um pouco mais sobre ela.

Reconhecidamente uma das maiores especialistas em alfabetização e letramento do Brasil, a educadora Magda Soares (1932-2023) deixou um grande legado para a Educação do país. Magda defendia que o processo de letramento deveria dialogar com o contexto em que o aluno se inseria e utilizava elementos do cotidiano para alfabetizá-los, o que era radicalmente diferente do modelo tradicional baseado em cartilhas e no ensino de famílias fonéticas. Desta forma, ela criou o conceito de alfaletrar, que une a ideia de letramento por meio de uma perspectiva social.



A educadora produziu diversos livros acadêmicos e didáticos, sendo que a obra *Alfabetização: a questão dos métodos* lhe rendeu o Prêmio Jabuti em 2017. Sua última obra foi *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*, lançada em 2020.

Alfaletrar significa justamente isso: promover a alfabetização e o letramento de forma simultânea e indissociável, desde o primeiro dia de aula. A criança aprende as letras e os sons (alfabetização) enquanto participa de práticas reais de leitura e escrita (letramento). Ela aprende contextualizando, por exemplo, ao ler um bilhete que a professora escreveu, ao tentar escrever o próprio nome na lista de chamada, ao explorar um livro de histórias, ao cantar uma parlenda que está escrita no cartaz. O ensino do código acontece dentro desse contexto significativo, imerso nas práticas sociais de leitura e escrita.

Essa abordagem integrada é o coração do nosso curso. Acreditamos, como Magda, que “toda criança pode aprender a ler e a escrever” quando oferecemos um ensino que faz sentido, que conecta o aprendizado do sistema de escrita com o mundo real e com as necessidades e interesses dos nossos alunos.

Pausa para refletir



Como esses conceitos (Alfabetização, Letramento, Alfaletrar) se manifestam (ou não) em sua prática atual? Houve alguma ideia aqui que te surpreendeu ou te fez repensar algo? Reserve um momento para anotar suas reflexões.



Mitos e verdades: desconstruindo ideias sobre alfabetização



Ao longo da nossa trajetória como professores, ouvimos muitas “certezas” sobre como as crianças aprendem a ler e escrever. Algumas dessas ideias são passadas de geração em geração, outras surgem como “novidades” pedagógicas, mas nem sempre elas se sustentam quando olhamos mais de perto para as pesquisas e para a própria realidade da sala de aula.



MITO 1:

“Criança só aprende a ler depois dos 6 ou 7 anos, antes disso é forçar a barra.”

VERDADE

O processo de letramento começa muito antes da entrada formal no Ensino Fundamental e, portanto, antes da sistematização da técnica da escrita! Desde bebês, as crianças estão imersas em um mundo letrado: ouvem histórias, veem adultos lendo, reconhecem embalagens, cantam músicas com rimas. Na Educação Infantil, o trabalho com a oralidade, a ampliação do vocabulário, o contato lúdico com livros e textos diversos e as primeiras explorações com os sons das palavras (consciência fonológica, que veremos no próximo fascículo) são fundamentais e preparam o terreno para a alfabetização. Não se trata de “antecipar” o 1º ano, mas de oferecer experiências ricas e significativas com a linguagem desde cedo, respeitando o ritmo e a curiosidade infantil. A BNCC, inclusive, prevê objetivos de aprendizagem relacionados à leitura e à escrita desde a Educação Infantil, ressaltando o papel fundamental do desenvolvimento da capacidade imaginativa e narrativa da criança, antes da codificação.

Nem todas as crianças têm contato com o universo letrado em casa, o que torna essencial o papel da escola em oferecer estímulos que despertem a curiosidade e o interesse inicial por letras e textos. Nesse sentido, cabe às escolas promover atividades lúdicas e criativas, utilizando recursos como livros, canções, contações de histórias e outras experiências que favoreçam o prazer pela leitura. O IBS contribui com diversos caminhos de aproximação com as letras e o ato de ler, como o teatro de bonecos, propostas de mediação e a criação de cantinhos de leitura, entre outros.

É importante ressaltar que este ainda não é o momento da formalização da escrita, ou seja, o professor não deve exigir que a criança escreva ou leia formalmente textos ou palavras. Aqui, portanto, é a hora de sensibilizar, mostrar os textos, ler para eles, deixá-los ler sozinhos e da forma que souberem, criarem um repertório de cantigas tradicionais, parlendas, contos e fábulas. O importante é o contato com a língua escrita e não a sua codificação.

“

MITO 2:

“Existe um único método de alfabetização que funciona para todos.”

VERDADE

Ah, a famosa “guerra dos métodos”! Método fônico, global, silábico, construtivista: Magda Soares já nos alertava sobre como essa discussão muitas vezes empobrece o debate. A verdade é que o processo de aprender a ler e escrever é complexo e envolve múltiplas facetas: a criança precisa entender como o nosso sistema de escrita funciona (aspecto conceitual), desenvolver habilidades fonológicas (percepção dos sons), aprender as correspondências entre sons e letras (código alfabético), e, claro, compreender que a escrita serve para comunicar e interagir (letramento). Não é necessário se prender a um único método, mas lançar mão de um repertório diversificado de estratégias, contemplando todas essas dimensões e adaptando-as às necessidades de seus alunos e aos textos que está trabalhando. Um método específico, focado em uma única perspectiva, acaba por negligenciar a multiplicidade de habilidades que a criança precisa desenvolver.

“

MITO 3:

“Criança que não aprende rápido tem algum problema ou não se esforça.”

VERDADE

Cada criança tem seu próprio ritmo e processo de aprendizagem. As dificuldades podem ter diversas origens: questões pedagógicas (estratégias inadequadas), fatores emocionais, sociais, ou, em alguns casos, transtornos específicos de aprendizagem (que veremos no Fascículo 5). Rotular a criança como “lenta” ou “preguiçosa” não ajuda em nada e pode minar sua autoestima. Quando uma criança é nomeada dessa forma, ela passa a internalizar essa visão negativa, o que afeta sua autoconfiança e sua motivação intrínseca para aprender. Nosso papel é investigar as causas das dificuldades, oferecer apoio individualizado, diversificar as abordagens e, principalmente, acreditar no potencial de cada aluno.



“

MITO 4:

“O mais importante é a criança decorar o alfabeto e as sílabas.”

VERDADE

Conhecer as letras e as sílabas é importante, sim, faz parte da alfabetização. Mas reduzir o processo a isso é um equívoco. A memorização pura e simples, descontextualizada, não garante a compreensão do sistema de escrita nem o desenvolvimento da leitura fluente e da escrita autônoma. A criança precisa refletir sobre como a escrita funciona, experimentar, levantar hipóteses (como veremos no Fascículo 4), e usar a leitura e a escrita em situações reais. O foco deve ser sempre no alfalettrar: aprender o código dentro de práticas significativas de letramento.

Desconstruir esses mitos é um passo importante para construirmos práticas pedagógicas mais conscientes, eficazes e, acima de tudo, mais justas com nossos alunos.

Que tal assistir a um vídeo da professora Magda Soares falando sobre o conceito de Alfalettrar?
(clique na imagem para abrir)



O Alfaletramento na BNCC: o que nos orienta?

Falamos sobre Alfalettrar, sobre a importância de conectar o ensino do código com as práticas sociais de leitura e escrita. Mas como isso se reflete no documento que norteia a educação básica no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?

Se você explorar a BNCC, especialmente os Campos de Experiência relacionados à linguagem na Educação Infantil e os eixos do componente de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, vai perceber que a perspectiva do alfaletramento está muito presente, ainda que o termo exato não seja usado a todo momento.



Na Educação Infantil

A Base não fala em “alfabetizar” formalmente na Educação Infantil, mas estabelece Campos de Experiência e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento que são cruciais para o letramento e para preparar o caminho da alfabetização. No campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, por exemplo, encontramos objetivos como:

- Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
- Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.
- Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

O que é escrita espontânea?

É a escrita feita livremente pela criança, sem julgamento ou necessidade de regras, cujos traços em si, para ela, representam a escrita formal.

Nos Anos Iniciais

(1º e 2º Anos - Ciclo de Alfabetização)

Aqui, a BNCC é explícita sobre a necessidade de garantir a alfabetização plena de todas as crianças até o final do 2º ano. Mas atenção: essa alfabetização não é vista de forma isolada! Ela está totalmente articulada às práticas de letramento. A Base organiza o componente de Língua Portuguesa em eixos:



1. Leitura/Escuta (compartilhada e autônoma): envolve a capacidade de ler e compreender textos de diferentes gêneros.
2. Produção de Textos (escrita compartilhada e autônoma): desenvolve a capacidade de produzir textos (ainda que com ajuda no início) em diferentes gêneros e situações comunicativas.
3. Oralidade: valoriza a participação em situações de intercâmbio oral, com escuta atenta e fala contextualizada.
4. Análise Linguística/Semiótica (Alfabetização): é neste eixo que encontramos as habilidades mais diretamente ligadas à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), como:
 - Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala;
 - Dominar correspondências grafofônicas (letra-som);
 - Conhecer o alfabeto e a ordem alfabética;
 - Segmentar palavras em sílabas;
 - Perceber que palavras diferentes compartilham certas letras.

A grande sacada da BNCC é que o eixo de Análise Linguística/Semiótica (Alfabetização) não deve ser trabalhado de forma isolada, mas sim articulado aos eixos de Leitura, Escrita e Oralidade. Ou seja, a criança aprende sobre as letras, os sons e as regras do sistema enquanto lê e escreve textos reais, participa de conversas, ouve histórias.



Já parou para pensar...

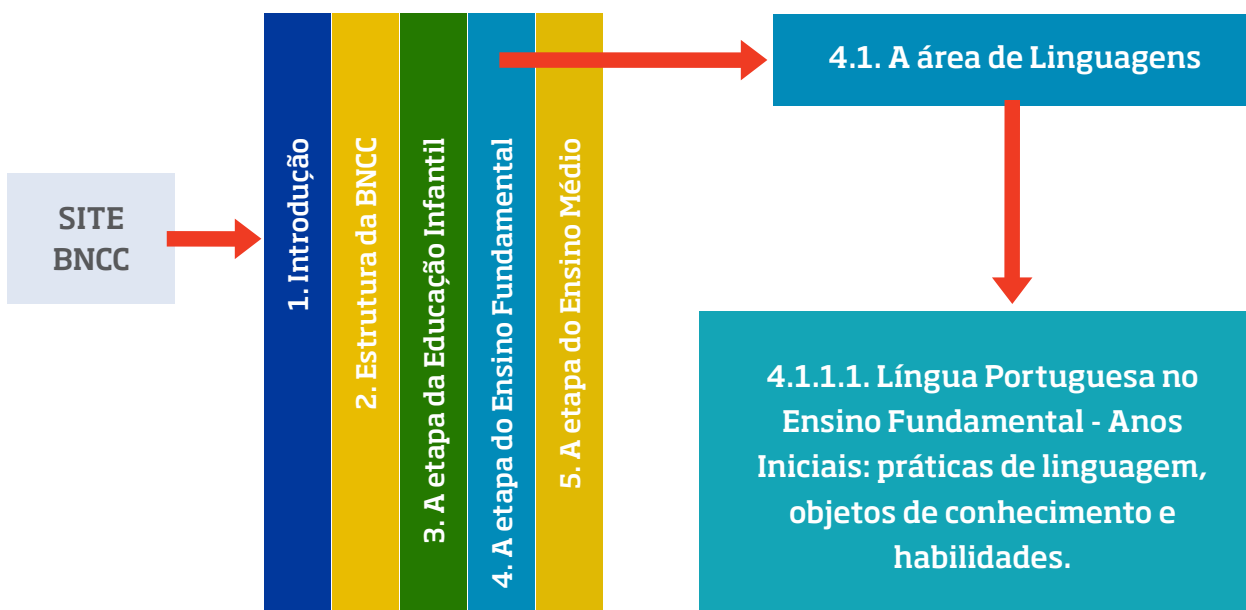
... em como os jogos Piquenique e Pic\$ City podem ser grandes aliados no desenvolvimento da leitura, escrita e oralidade? Nos próximos fascículos iremos conhecer e construir práticas pedagógicas com os jogos.



Vamos explorar a BNCC juntos?

Acesse o documento [clikando aqui](#) e localize:

- 2 habilidades do eixo de Análise Linguística/Semiótica;
- 2 habilidades do eixo de Leitura/Escuta para o 1º ano.



Pausa para refletir

Pense em uma atividade de alfabetização ou letramento que você realiza ou já realizou. Como ela contempla diferentes eixos da BNCC?



Compreender como a BNCC abraça a perspectiva do alfabetramento nos ajuda a planejar práticas mais coerentes e alinhadas às expectativas de aprendizagem para nossos alunos.

Concluindo nosso primeiro mergulho...

Chegamos ao final do nosso primeiro fascículo! Esperamos que esta imersão inicial nos fundamentos do alfabetamento tenha sido proveitosa e inspiradora para você. Exploramos juntos a riqueza dos conceitos de Alfabetização, Letramento e, principalmente, a potência do Alfaletrar, essa abordagem que busca integrar o ensino do código às práticas sociais de leitura e escrita desde o início.

Desconstruímos alguns mitos que podem atrapalhar nossa prática, vimos como a BNCC abraça essa perspectiva integrada e refletimos sobre as ideologias que, infelizmente, ainda contribuem para o chamado “fracasso escolar”.

Este é apenas o começo da nossa jornada! Nos próximos fascículos, vamos aprofundar nossos conhecimentos sobre como funciona o nosso Sistema de Escrita Alfabética, a importância da Consciência Fonológica, o trabalho com Gêneros Textuais, como acompanhar o desenvolvimento da escrita infantil através da sondagem, como lidar com as dificuldades e, por fim, como planejar e avaliar de forma eficaz. Todo esse conteúdo recheado de propostas e exemplos de práticas envolvendo os projetos e os jogos educativos do IBS.

Agradecemos sua participação ativa até aqui e esperamos você no Fascículo 2, onde desvendaremos os segredos do Sistema de Escrita Alfabética e da Consciência Fonológica. Até lá!



Referências bibliográficas

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MORAIS, Artur Gomes de. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. Alfabetização: a resignificação do conceito. Revista Brasileira de Educação, n. 28, p. 5-19, jan./abr. 2005.



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto
**BRASIL
SOLIDÁRIO**

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS
www.brasilsolidario.org.br